

O CEMITÉRIO COMO LUGAR DE RECORDAÇÃO E MANIFESTAÇÃO DE SIMBOLISMO E SUBJETIVIDADE

Costa, Hemerson Lucas da Silva¹

Arcanjo, Nathany Melo Machado²

Alencar, Isa Costa³

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar as manifestações de simbolismo e subjetividade dentro do campo fúnebre dos cemitérios, para tanto, faz-se uso de algumas narrativas de moradores que estão sob processo de realocação ou que já foram reassentados por conta do empreendimento hidrelétrico de Belo Monte que foi construído no rio Xingu, próxima ao município de Altamira-PA. Os sujeitos que aqui irão ser ressaltados percebem o cemitério como um lugar onde a memória se faz mais forte, alicerce para reacender suas recordações. Essa subjetividade e simbolismo presentes nestes locais são frutos de milhares de anos de práticas culturais e costumes que são efetivadas antes, durante e após o sepultamento do falecido. Os ritos realizados desempenham inúmeros significados, mas em sua maioria possuem algo em comum que é de se manter conectado, através das lembranças, ao falecido.

Palavras-chave: Memória funerária, cemitério, subjetividade.

Introdução:

Com o advento do projeto hidrelétrico de Belo Monte diversas problemáticas surgiram com com ele, a exemplo: conflitos e tensões em relação ao uso do território, refletido nos interesses de cada um; aumento súbito nos fluxos migratórios, surgindo como consequência a intensificação de diversas mazelas sociais, seguidamente do aumento da violência. Os efeitos sucedem em cadeia prejudicando o estilo de vida de milhares famílias que vivem na região que sofre com os impactos da construção da usina hidrelétrica. Entretanto, o objetivo principal deste trabalho não é debater os resultantes que a área de impacto está vivenciando em consequência da implantação UHE Belo Monte, e sim, investigar as manifestações de simbolismo e subjetividade adentro dos campos fúnebres dos cemitérios, utilizando como subsídio as

¹ Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Altamira. hlucas.csilva@gmail.com

² Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Altamira. nathany Melo22@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Guamá. isa.alencar@gmail.com

narrativas de moradores que anteriormente a implantação da hidreletrica Belo Monte residiam em comunidades que possuíam em sua extensão cemitérios e após a implantação do projeto tiveram que ser realocados ou indenizados, deixando para trás marcas do seu passado e levando consigo as reminiscências de sua trajetória. No entanto, faz-se necessário identificar o contexto para que o leitor não se perca na construção do pensamento e neste sentido salientar que os trechos de narrativas que aqui serão apresentadas estão configurados dentro do discurso de moradores que estão sendo impactados pelo empreendimento.

Partindo da perspectiva de Jacques Le Goff (2003) que diz:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003).

O morador impactado irá configurar sua fala de acordo com as informações passadas ou que considera como passadas e desta forma será provocado por nós pesquisadores a relembrar de acontecimentos que ficaram esculpidos em sua memória, configurando sua exposição de acordo com o que consegue se lembrar.

Referente a memória funerária encontra-se fundamentalmente ligada as crenças, tradições culturais, formas de sepultamento e ritos realizados para a concretização do funeral do falecido, confeccionando uma cultura onde a ritualização durante a preparação do funeral pode marcar a passagem do falecido para uma nova vida, uma jornada espiritual, na qual o seu corpo material descansa por estar desgastado e o seu espírito (força/entidade/imaterial) segue em uma nova jornada. Raquel Vaccari discutindo a morte em diferentes tempos, lugares e culturas, postula que:

Vislumbra-se desde, a Antiguidade uma, relação assimétrica do Homem na crença da morte não como finitude da vida, mas como passagem a outros “mundos” – seja o da reencarnação, da ressurreição, do Paraíso ou do Inferno -, Também não podemos esquecer que atrelada à certeza da morte está o terror que ela traz consigo, daí crer-se numa outra vida póstuma. (VACCARI DE LIMA LOUREIRO, Raquel. 2011).

O ser humano é cercado por incertezas, e uma delas é a própria morte. Questões como o que há após a morte? Se é que existe algo a mais. Por motivos óbvios não temos a resposta para essa pergunta, sendo assim, o homem possui somente sua fé como “arma” contra o pensamento da finitude da vida neste plano.

O levantamento de dados e a coleta de narrativas foram feitas ao longo dos anos pelo Grupo de Estudo Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais na Amazônia (GEDTAM)⁴. O Grupo, como sugere o nome, é uma equipe de pesquisadores inclusos Professores pesquisadores que em sua maioria se encontra na Universidade Federal do Pará, alunos de graduação, mestrado e doutorado, tendo como bolsistas e voluntários de diferentes faculdades do campus.

Neste sentido a pesquisa foi realizada em conjunto com o Grupo referido ao longo de 3 anos, tendo como marco inicial o ano de 2014, época que o bolsista pesquisador deu início aos seus estudos na Universidade Federal do Pará e também envolveu-se com o Grupo de pesquisa.

Os dados apresentados neste trabalho são referentes a pesquisas de campo realizadas após a construção do complexo hidrelétrico, valendo ressaltar que grande parte dos impactados pela obra já haviam sido realocados ou indenizados pelo empreendedor. Foram selecionadas narrativas que tratem do tema que será discutido, os trechos selecionados para a discussão pertencem a moradores que tiveram que sair de suas comunidades e se alocar em outra localidade, se adaptando a situações diferentes e ao novo território. Os entrevistados são de duas comunidades diferentes que foram diretamente impactadas pela construção do complexo hidrelétrico.

A primeira narrativa é referente ao ex-morador da comunidade Santo Antônio, localizada no município de Vitória do Xingu/Pará. A comunidade possuía enorme vínculo com o rio, sendo que as principais atividades executadas para o levantamento de renda estavam relacionadas a agricultura e pesca.

A comunidade Santo Antônio pertencente ao município de Vitória do Xingu, à margem esquerda da Rodovia Transamazônica, distante 60km da sede de Altamira. A comunidade surgiu a partir das famílias assentadas, após a abertura da Transamazônica, e de famílias oriundas da região do Xingu. Ao longo das décadas, os grupos de famílias formaram a comunidade: ergueram as igrejas, o barracão de festa, o campo de futebol, a escola, o posto de saúde, etc. Com o advento de Belo Monte, a comunidade passou a vivenciar diversas transformações nas relações sociais: nos modos de ser, ver e viver no/o espaço. (Herrera, Moreira & Santana; 2016).

⁴ O grupo de estudos Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais na Amazônia (GEDTAM) possui como objetivo estudar as transformações recentes ocorridas na Amazônia tendo como marco a consolidação do povoamento a partir da década de 1990 e a reorientação da política estatal para região. Nesse contexto, as políticas de desenvolvimento engendradas pelo Estado e pelos grandes capitais promovem diferentes lógicas de organização e produção existentes no território. Busca-se, portanto, compreender as dinâmicas territoriais estabelecidas a partir da ação de agentes públicos/privados na Amazônia. Está sob atual coordenação do Prof. Dr. José Antonio Herrera e Prof. Dr. José Queiroz de Miranda Neto.

De acordo com Herrera, Moreira & Santana a comunidade a partir do advento do projeto hidrelétrico começa a passar por transformações nas suas relações sociais, tanto em seus modos de ser, viver e ver o espaço, prejudicando as relações que os moradores da comunidade mantinham por tanto tempo. Já dito anteriormente, o objetivo do trabalho não é discutir as problemáticas que o complexo hidrelétrico trouxe consigo, mas, este surge como um objetivo específico e precisa ser dialogado. Santo Antônio possui em sua extensão um cemitério que recebe os entes falecidos da comunidade, agindo como suporte para que as lembranças daqueles que estão vivos não caiam no esquecimento.

“Já em setenta e cinco eu fiz o cemitério, por que morreu um criador lá do travessão, os caras eram pobres não tinha nada, chegou em casa com a criança na morta, né? O menino, já uns três anos, aí não tinha. Para trazer para Altamira não podia. Aí eu convidei os meus... disseram que não, que não podia enterrar lá por que podia causar problema, a gente ia preso, - “Pode enterrar aí, pode enterrar por minha conta”, por que eu gosto é de zoada. Daí enterro”. (Arquivo GEDTAM, 2014).

Segundo este morador de Santo Antônio o cemitério foi feito em 1975 a partir de uma urgente necessidade espontânea. Naquele tempo o acesso a Cidade de Altamira era feito via rio Xingu, a viagem demandava muito tempo e por isso a necessidade de se criar um cemitério para a comunidade, mas os moradores recebiam o surgimento de problemas, e na pior situação alguém ir preso. Tendo em vista que isso não afetou o entrevistado 1 responsável pela construção do cemitério.

Outra comunidade que sofreu com a construção do empreendimento hidrelétrico foi Arroz Cru, seus moradores tiveram que sair de sua localidade para outros locais, deixando para trás suas histórias, lembranças, seu local de vida. A comunidade, assim como Santo Antônio, possuía um cemitério, mas diferente de Santo Antônio os restos mortais daqueles que foram ali sepultados foram realocados para outros cemitérios em Altamira e Vitória do Xingu.

Práticas e Costumes: Ritos Realizados Pré, Durante e Pós Sepultamentos

O homem é o único ser que dá a morte um sentido cultural, reassignificando-a como um acontecimento que pode simbolizar o início de uma nova vida, envolve-a de mistérios, passando a fazer ritos e cerimônias aos falecidos como meio de se manter conectado a aqueles que já partiram.

o que nos diferencia dos outros animais em relação à morte? O tratamento que lhes damos. O homem trata a morte como um fenômeno cultural. O tratamento cultural dado à morte é único e específico da espécie humana. (TORRES, Ana Catarina, 1998).

O costume de sepultar os mortos é bem antigo, primeiro com a finalidade de proteger o ser humano da decomposição dos corpos, mais tarde, passou a acompanhar a esta prática os ritos que concretizariam o sepultamento do falecido. Da mesma forma que o modo de sepultamento varia conforme a cultura de cada povo, os ritos e práticas divergem uns dos outros, mas tem-se em geral a crença em uma vida pós morte, na qual o espírito traçaria uma jornada sobrenatural para chegar ao seu destino. Esses ritos teriam como função principal guiar os espíritos nessa jornada espiritual, conduzindo-os a lugar onde encontrará descanso e paz. Diversos povos utilizaram de diversos meios para sepultar seus mortos, mas foi a igreja católica que estabeleceu o modelo utilizado em grande escala hoje. Deste modo o devoto passaria a ser enterrado em tumbas individuais seguindo o modelo do Império Romano.

A ocultação de cadáveres com a finalidade de proteção dos vivos da decomposição de corpos é uma das primeiras práticas socioculturais adotadas pelos humanos. Seja pela inumação, pela cremação ou pelo embalsamento, entre outros procedimentos, o corpo morto é o elemento central que orienta práticas e ritos funerários da sociedade, sendo este um dos primeiros registros e testemunhas de sua história. (DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

A morte envolve um campo totalmente desconhecido pelo homem, os ritos que cercam os sepultamentos são fundamentais para compreensão dessas práticas culturais, pois, neles estão representadas algumas das tradições que circundam nossas vidas.

No calendário cristão tem-se até mesmo uma data comemorativa dedicada aos falecidos. O dia dos finados (02 de novembro) é caracterizado pelo dia em que os próximos do falecido irão visitá-lo no cemitério, neste presente dia, a recordação daquele que já não se encontra entre os vivos se torna mais forte, as lembranças fluem, e essas memórias trazem consigo um sentimento de tristeza devido ao sentimento de saudade daqueles que já não estão neste mundo. Nesta data os cemitérios ganham uma nova carga de simbolismo e subjetividade, pois neste dia, é de praxe organizar o local onde está enterrado o finado, realizando orações e enfeitando o lugar com flores e velas.

O entrevistado 2⁵ atualmente reside na cidade de Altamira-PA, anteriormente a implantação da Usina Hidrelétrica o entrevistado pertencia a comunidade de Arroz Cru, localizada na Volta Grande do Xingu, a comunidade deixou de existir após a chegada do empreendimento que indenizou ou realocou seus moradores. Nesta comunidade havia um cemitério do qual o empreendimento realizou a remoção dos restos mortais para outros cemitérios na cidade de Altamira. O entrevistado ao ser questionado sobre a frequência com que frequentava o cemitério diz:

“Vou... sempre eu vou lá. Agora, agora, vai entra o mês de... dos finados né... tem que ir lá comprar flor colocar, arrumar...” (Arquivo GEDTAM, 2014).

Apesar do caráter festivo, o costume de ir ao cemitério no dia dos finados ou em qualquer outra data que estimule a memória e a recordação, é uma pratica bastante reservada que demonstra respeito a aqueles que já se foram. Nesta data, na maioria dos países ocidentais, é celebrado a memória dos mortos, dia no qual a tradição cristã católica destinou a rememoração e visitação por seus fiéis ao cemitério, para que pudessem realizar orações, para que os vivos intercedessem pelos mortos na sua caminhada.

A visita periódica ao cemitério, seja no Dia de Finados ou no aniversário de nascimento ou morte do finado, demonstra uma relevante expressão pública ao recolhimento e ao silêncio, ainda que tal costume tenha um caráter comemorativo e celebrativo, comprovado pela peregrinação ou romarias que se sucedem àqueles que já se foram. A evocação à memória do morto é um modo de reconhecimento, ou seja, uma prática de legitimação que apela para as autoridades dos mortos. A ideia de celebração é herdeira não apenas da solenidade da cerimônia de menção e elogio de um nome, mas de um ritual eficaz de lembrança à memória dos mortos e ao destino dos vivos. (DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

A ritualização como prática cultural se deve a grande influência da igreja em zelar pelos mortos para que estes encontrem o caminho da paz, tendo estes como principal “norte” as orações de seus conhecidos. O exercício da repetição da praxe da ritualização influenciada pela igreja, torna-se tradição, onde o sepultamento do falecido ganha grande valor cultural e tem enorme contribuição no reforço da memória daqueles que já se foram. Sob o mesmo contexto, Renata de Souza diz:

⁵ Por questões éticas, as pesquisas conduzidas pelo grupo mantem o sigilo quanto revelação da identidade do entrevistado ao público, desta forma, a identificação dos entrevistados será descrita em ordem numérica se referindo ao mesmo como entrevistado(a).

Essa visita é ritual repetitivo, no qual é possível verificar a vertente capital da celebração, pois esta será sempre a celebração, que gradualmente, se transforma em tradição. Nessas visitas repetem-se comportamentos como o depósito de flores e velas e a reza de orações, sendo a materialização em sua quase totalidade, pública e coletiva, o que incita a memória do morto e reforça os laços dos vivos. (DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

Recordação Funerária e Espaço Subjetivo

O cemitério é um local onde a memória recebe diversos estímulos, a rememoração ocorre em seguida, o sujeito enquanto ser subjetivo vê no cemitério um local onde consegue manter-se conectado ao falecido, oferecendo suporte para que suas lembranças não caíam no esquecimento.

E espaços como os cemitérios, cemitérios como lugares de memória, caracterizam-se pela forte carga de emoção e simbolismo, fincados nos costumes sociais e culturais que se transformam de acordo com suas tradições e seus usos. Lugares de memória são alicerces da memória coletiva que podem se apresentar sob a forma de diversos locais, artefatos ou manifestações coletivas, explicitando a diversidade do sentido da memória e dos lugares de memória. (DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

O caráter subjetivo que o lugar transporta está relacionado as representações que o homem dá a ele.

“Lugares de memória como os cemitérios configuram-se essencialmente ao serem espaços onde a ritualização de uma memória-história pode ressuscitar lembranças, sendo um tradicional meio de acesso a elas. Sendo esse estudo um dos pontos de partida da pesquisa, pode-se dizer que os cemitérios se configuram como lugares de memória para um grupo social específico, uma vez que têm, no simbolismo atribuído ao conjunto de lápides e túmulos inseridos em um espaço murado, a concepção de que este é um espaço que guarda a memória (coletiva) que precisa de um suporte exterior para sua preservação, e, portanto, a contínua renovação de um sentimento que identifica a sociedade com um passado comum ancorado naquelas construções.” (DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

O simbolismo que carrega o cemitério tem grande valor cultural, uma vez que este é a soma de tradições, ritos, é essencialmente cultura. A subjetividade que cerca estes espaços está relacionada as emoções, sentimentos, e até mesmo aos ritualizações praticadas pelos familiares e amigos do falecido. Segundo o Entrevistado 2, residente do município de Altamira, ao ser

questionado sobre como este se sentia em relação a remoção dos restos mortais⁶ de sua família para um novo cemitério, diz:

“Pra mim foi uma emoção, foi mesmo que estar... ter morrido naquele dia, por que estava enterradinho lá e tal, e a gente. E todo dia de finado a gente ia acender vela lá, aí em trazer pra cá, ah, ainda chorei por que estavam mexendo... nos restos mortais do meu pai, da minha mãe/ Meu pai morreu em cinquenta, mil novecentos e cinquenta e eu casei em quarenta e nove em novembro e ele morreu em cinquenta em janeiro. Ele nem participou muito da minha vida de casada. Aí ficou a mamãe, ficou, ficou... aí depois ela morreu. Ela parece que tinha sessenta e nove anos, aí enterramos tudo lá, por que para trazer para cá, quando chegasse aqui, a remo... já estava passado né? aí tudo enterrava lá. Aí arrancaram, trouxeram/ eu achei bom por que eu já no dia de finados já não ia essa viagem acender vela para eles, aí agora já é aqui, já ficou mais fácil...” (Arquivo GEDTAM; 2014).

Nota-se que a subjetividade neste trecho de narrativa está presente em todas as falas, a emoção toma conta do entrevistado que nos contempla com a rememoração de diversas lembranças que foram estimuladas pelos pesquisadores no decorrer da entrevista. Ao associar a retirada dos restos mortais dos seus entes do lugar de descanso a emoção toma conta do entrevistado que diz que naquele dia foi o mesmo sentimento que vivenciou quando seus pais faleceram. Verifica-se também como a memória funerária está presente dentro das práticas culturais, o entrevistado recorda-se que no dia dos finados é preciso visitar o cemitério e realizar os rituais que já estão sob forma de tradição, como forma de respeito e memória a aqueles que partiram desta vida.

Nesta perspectiva os moradores da comunidade de Santo Antônio sofreram grandes consequências, a pesar de uma grande maioria dos seus moradores terem sido realocadas o cemitério da comunidade continua lá, o empreendedor não retirou os restos mortais dos sepultados no cemitério, e também impossibilitou a visita dos moradores ao local.

Continua lá. Que até eu falei um tempo desse, falei com os meninos, eu vou voltar para lá por que vocês falaram que iam tirar a gente, e a gente não podia ficar lá e iam tirar o cemitério e vocês não tiraram, então o cemitério não tá lá, então eu vou voltar para lá vivo. Não quero ir morto não, eu quero ir vivo para lá, para Santo Antônio. Eu até falei para o menino da Norte Energia. (Arquivo GEDTAM, 2014)

⁶ Como já foi dito, as narrativas aqui apresentadas estão configuradas dentro do discurso de moradores que estão sobre processo de realocação ou que já foram reassentadas, por conta do empreendimento UHE Belo Monte. Deste modo, algumas comunidades ribeirinhas foram totalmente remanejadas para outro local, sendo que algumas delas possuíam cemitérios antigos. Assim cabe ao empreendedor responsável pelo empreendimento o remanejamento dos restos mortais que estavam estabelecidos em outra região para o município de Altamira.

Segundo o entrevistado 1 o seu desejo é voltar a comunidade e rever o cemitério, mas seu desejo é ir em vida para realizar os ritos para com aqueles queridos que ali foram sepultados e rememorar os momentos que ficaram marcados na sua memória. A memória precisa de algo concreto para se manifestar, o sujeito requer de um alicerce onde suas lembranças possam reacender. É notado também o teor subjetivo com o qual o entrevistado relata sua experiência, por estar em idade avançada seu desejo é rever sua antiga comunidade e também o cemitério no qual foram sepultados conhecidos, amigos e familiares.

Considerações Finais

As visitas aos cemitérios e as práticas voltadas para o sepultamento do falecido deixa claro que o ser humano não consegue abandonar seus companheiros. Os cemitérios enquanto fontes de simbolismo e subjetividade aglomeram múltiplos sentimentos de incontáveis famílias, tristeza, alegria, angústia, sofrimento são descarregados nestes locais. A visita no dia dos finados, as velas e flores dispostas ao redor do túmulo, são para além de costumes, formas do ser humano demonstrar seu respeito e carinho pelo falecido, são fragmentos de ações que modelam nossas práticas culturais.

A etnologia vem demonstrando que os mortos foram ou são sempre alvo de práticas que correspondem a crenças que dizem respeito à sobrevivência ou ao seu renascimento. Não existe grupo humano que abandone seus mortos ou que os deixe sem ritos. (TORRES, Ana Catarina, 1998).

O cemitério age como estímulo a memória, para que aqueles que sepultaram seus falecidos tenham algo além da própria recordação para se apoiar, revivendo lembranças e criando ligações com o espaço que foi sepultado o falecido. Apesar de a memória ser processada internamente, está necessita de um espaço físico para ser ativada e estimulada, pois a mesma não se projeta no vazio. (HALBWACHS, 1990, citado em DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. 2012).

Os espaços que são destinados aos sepultamentos dialogam com as lembranças daqueles que veem nele um último espaço para se encontrar com o passado e relembrar de seus familiares e amigos que ali foram sepultados. Está atrelado ao fato que o ser humano descarrega nestes locais todos possíveis sentimentos, a noção de subjetividade por trás do cemitério está intimamente ligado ao fato do ser humano ser capaz de manifestar seus sentimentos em ações.

Em suma, concordasse com Herrera, Moreira & Santana que postulam que as reparações que o empreendedor realizou são deficientes e não garantem que os sujeitos impactados possam reestruturar suas vidas em outro local, sendo que seus vínculos foram cortados e seus modos de ser e viver alterados por uma dinâmica nova.

Referências Bibliográficas

DE SOUZA NOGUEIRA, Renata. **Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade**. 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

José Antônio Herrera, Rodolfo Pragana Moreira y Nelivaldo Cardoso Santana (2016): “Construção da UHE Belo Monte e a comunidade ribeirinha de Santo Antônio em Vitória do Xingu/Pará”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (abril-junio 2016). En línea:

<http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/02/xingu.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/CCCSS-2016-02-xingu>

TORRES, Ana Catarina. **Rituais funerários pré-históricos-um estudo antropológico**. Antropologia: memória, tradição & perspectivas, 1998.